

# TRAJETÓRIA URBANA DE NOVA IGUAÇU E SUA INFLUÊNCIA NA REPRESENTAÇÃO DA CIDADE

IX Reunião Anual de Iniciação Científica da UFRJ (RAIC 2021/2022) e III Reunião Anual de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (RAIDTec 2021/2022) - UFRJ, 0ª edição, de 15/05/2023 a 19/05/2023  
ISBN dos Anais: 978-65-5465-041-0

**MENDES; Josias Felipe Figueira<sup>1</sup>, SILVA; Marcio Rufino<sup>2</sup>**

## RESUMO

A periferia em si remete a algo que tem a sua definição a partir de outra coisa, “aquilo que rodeia o centro”, no caso de uma cidade, e principalmente, as cidades brasileiras, a periferia ganha contornos ideológicos e sociais. Longe de indicar um padrão das periferias brasileiras, queremos sim, chamar a atenção para a multiplicidade e complexidade da formação da margem. A nossa pesquisa buscou explorar uma dessas periferias, e contar a história a partir dela. Para que se busque uma história da representação de Nova Iguaçu, é preciso voltar a um momento tão antigo quanto a própria grafia usada, em que o espaço que viria a ser a Vila de Iguassú ainda era só um aglomerado de fazendas. As vias flúvio-marítimas eram articuladas com os caminhos que levavam ao interior, esse ponto é importante para chegarmos a finalidade logística desse espaço. Toda essa conjunção de fatores estabelece a futura cidade de Nova Iguaçu como um entreposto, a cidade de passagem, seu desenvolvimento fica atrelado ao Rio de Janeiro e sua função de escoamento de mercadorias é a tônica. Com a inauguração da linha de ferro Pedro II e aliada aos fatores como o assoreamento dos rios, a centralidade muda das margens do rio Iguassú para as bordas da ferrovia. O avanço capitalista se colocava à frente de rotas fluviais que por vezes dependiam do tempo da natureza. Agora a relação de tempo e espaço era dominada pelos trilhos, que ficavam longe das áreas alagadiças, próximas as produções nos sopés das serras e como um tempo mais curto de viagem. Porém a mesma lógica de escoamento de mercadorias persiste. A lógica começa a mudar, quando Nova Iguaçu experimenta o declínio da citricultura, as terras antes usadas para as plantações e lavouras começaram a ser incorporadas na lógica urbana do Rio de Janeiro. Se por um lado os moradores mais pobres da cidade do Rio de Janeiro sofria um aumento do valor do uso do solo. Nova Iguaçu facilitava esse acesso. No entanto, é importante ressaltar que embora essa “febre dos loteamentos” se instalasse na cidade de Nova Iguaçu, o seu centro foi preservado e os pobres impedidos de ocupar essa área que hoje é fundamental para a constituição de um mercado imobiliário de perfil de faixa de renda mais alto (SANTOS, 2008). O processo de elitização da área central se consolida com a chegada de diversas imobiliárias na baixada fluminense, dentre elas a Visione que tem seus principais investimentos em Nova Iguaçu. A chegada desses empreendimentos contribuiu para que a imagem de uma cidade que era palco de miséria se tornasse alvo de investimentos milionários, bem como moradias de altíssimo valor, logicamente, um processo que não se deu sem antes aprofundar as desigualdades

**PALAVRAS-CHAVE:** Nova Iguaçu, Trajetória urbana, Representações, Promoção Imobiliária

<sup>1</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, josiasfelipe@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, marciurufis@gmail.com